

## APRESENTAÇÃO DO TRADUTOR

Em 1783, dois anos após a conclusão de sua monumental *Crítica da Razão Pura*, Immanuel Kant ofereceu ao público uma nova obra, muito mais concisa que a precedente, intitulada *Prolegômenos a qualquer metafísica futura que possa apresentar-se como ciência*. Mas a própria existência e as circunstâncias da composição dos *Prolegômenos* conduzem inevitavelmente a uma pergunta: o que teria levado Kant, pouco tempo depois da conclusão do livro cuja redação o ocupara por uma década, a escrever um novo livro que percorria essencialmente os mesmos caminhos do primeiro e respondia às mesmas questões?

O próprio Kant forneceu, em várias passagens dos *Prolegômenos*, as razões pelas quais julgou necessária e oportuna a redação do novo livro. Essas razões foram basicamente de dois tipos. Em primeiro lugar, ele pretendia corrigir o que julgou serem graves mal-entendidos acerca da natureza de sua investigação. Em especial, a resenha crítica publicada em janeiro de 1782 nas *Göttingische gelehrte Anzeigen* pareceu-lhe perigosamente equivocada, a começar pelo parágrafo inicial que classificava sua teoria como “um tipo mais elevado de idealismo”.<sup>1</sup> Kant apercebeu-se de que, apesar de todo o esforço despendido para elucidar sua posição, restava ainda muito espaço para incompreensão de suas ideias centrais. Os *Prolegômenos* inauguram, assim, um processo de revisão do texto da *Crítica*, no qual Kant, de maneira especial, procurou distinguir com muito mais vigor sua posição (idealismo transcendental, ou “formal”, como passou a denominá-la) de outros tipos de idealismo, como os de Descartes e Berkeley.

Prevenir os mal-entendidos, entretanto, exigia lidar com outro problema: a própria extensão e complexidade da obra original pareciam ensejar essas incompreensões. Daí o segundo propósito dos *Prolegômenos*: prover uma visão sinóptica do longo e tortuoso argumento formulado na *Crítica da Razão Pura*, de modo a deixar mais claros seu objetivo e as etapas de sua exposição. Os *Prolegômenos*, com efeito, pretendem encapsular todo o percurso da *Crítica*, marcando claramente suas articulações principais e reduzindo a exposição a seus elementos essenciais. Além disso, diferentemente do método sintético adotado na *Crítica*, que não pressupõe a existência de nenhuma ciência e não toma nada como dado exceto os princípios da própria razão, os *Prolegômenos* simplificam a exposição ao tomar a direção oposta e, assumindo como existentes as ciências da matemática e da física puras, procedem regressivamente, à maneira analítica, em busca dos fundamentos que possibilitam a existência dessas ciências.<sup>2</sup> Desse modo, Kant consegue mapear as três grandes divisões da *Crítica* – Estética, Analítica e Dialética transcendentais – em três sucintas questões que norteiam todo o desenvolvimento dos *Prolegômenos*: Como é possível a matemática pura? Como é possível a ciência pura da natureza? Como é possível a metafísica como predisposição natural, e pode ela igualmente vir a constituir-se em uma ciência?

---

<sup>1</sup> IV: 373-374.

<sup>2</sup> IV: 263, 274, 279.

Além de organizar o campo de investigação da filosofia crítica em termos que são muito mais facilmente compreensíveis ao leitor iniciante, os *Prolegômenos* indicam de forma bem mais explícita que a *Crítica* o lugar que Kant pretende assumir *vis-à-vis* a tradição filosófica que o precedeu, tanto no que se refere às influências e motivações recebidas como, em especial, à revolucionária ruptura empreendida em relação a essa tradição. De particular importância são as declarações que Kant faz sobre a influência que a obra de Hume exerceu sobre seu pensamento, ao despertá-lo de seu “sono dogmático” para a urgência de uma reforma da metafísica<sup>3</sup>; declarações que não estão contidas na obra principal e que têm grande importância para o estudo das origens da filosofia crítica.

Se considerarmos, por fim, que os *Prolegômenos* contêm ao menos duas importantes discussões – a saber, a distinção entre juízos de percepção e juízos de experiência<sup>4</sup> e o problema das contrapartes incongruentes<sup>5</sup> – que não estão presentes na *Crítica da Razão Pura*, teremos já todos os elementos para afirmar que, longe de ser apenas um mero subsídio à leitura da *Crítica*, o opúsculo que Kant publicou em 1783 possui um valor próprio enquanto exposição independente de sua filosofia crítica em seus traços essenciais, e, além da utilidade que representa para o estudioso iniciante, em vista de sua maior compreensibilidade, continua sendo um texto indispensável para o pesquisador experiente, pela diferente perspectiva que permite lançar sobre o projeto crítico de Kant.

Não posso estender-me mais, nesta breve apresentação, sobre o conteúdo dos *Prolegômenos* – o leitor que domina a língua inglesa encontrará excelentes introduções nas traduções listadas ao final desta Apresentação. Pretendo apenas, no que resta, descrever as motivações que me levaram a empreender esta tradução, e as diretrizes que adotei em seu preparo.

A tradução brasileira dos *Prolegômenos* publicada em 1980 na coleção “Os Pensadores” cumpriu à época seu papel pioneiro, mas não está mais, hoje, à altura do nível de *scholarship* que caracteriza os estudos kantianos no Brasil, e a necessidade de uma nova tradução para uso dos estudantes de filosofia que não dominam a língua alemã há muito se fazia sentir. Em meu primeiro curso sobre os *Prolegômenos*, ministrado em 2010, utilizei a tradução portuguesa das Edições 70, que se mostrou essencialmente correta, embora ainda revelasse muita margem para aperfeiçoamentos, particularmente no que respeita à compreensibilidade. A principal motivação, entretanto, que me levou a preparar esta nova tradução foi o fato de que aí residia uma oportunidade única para revisar e aperfeiçoar a terminologia empregada nessas duas traduções existentes dos *Prolegômenos* para a língua portuguesa. Como esse será o aspecto que certamente mais chamará a atenção – e é potencialmente o mais controverso – neste trabalho, pretendo deter-me um pouco nessas mudanças e nas razões que me levaram a adotá-las.

---

<sup>3</sup> IV: 257-262.

<sup>4</sup> IV: 298-301.

<sup>5</sup> IV: 285-286.

Antes, porém, é necessário fazer algumas observações gerais sobre as diretrizes seguidas nesta tradução. Segundo a prática que se consolida nas últimas décadas, especialmente nas traduções de Kant para o inglês, segui da maneira mais exata possível a estrutura das sentenças e parágrafos do texto original. Longas sentenças e longos parágrafos foram mantidos sem quebras, tal como Kant os redigiu. Em raras ocasiões, sinais de pontuação foram introduzidos para demarcar longas frases apositivas e esclarecer a sintaxe da sentença; e a referência de alguns pronomes foi explicitada quando estritamente necessário para evitar alguma ambiguidade. Em nenhuma circunstância adotou-se a paráfrase ou interpretação, de modo que o texto traduzido apresenta, para o leitor culto de língua portuguesa, a mesma dificuldade que o original de Kant oferece ao leitor culto alemão de hoje. A tradução cuidou, entretanto, para que, apesar da grande complexidade sintática, o sentido das sentenças fosse sempre compreensível e unívoco, embora certamente exigindo esforço e atenção por parte do leitor.

Quanto à fonte, esta tradução foi realizada a partir da edição alemã preparada por Karl Vorländer (*Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*, 6. ed., Leipzig: Felix Meiner, 1920). Explicarei à frente as razões para a adoção dessa edição de preferência à edição de Benno Erdmann para a Academia de Berlim, notando apenas que a edição Vorländer serviu de base também para duas das mais conceituadas e recentes traduções dos *Prolegômenos* em língua inglesa, por Gary Hatfield e Günter Zöller, publicadas respectivamente pela Cambridge University Press (2002, 2004) e pela Oxford University Press (2004)<sup>6</sup>. Embora tenha adotado a edição Vorländer, cotejei todo o texto igualmente com a edição da Academia, com especial atenção aos pontos em que as duas edições divergem. Em cada caso adotei criteriosamente uma decisão, procurando também apoio nas soluções adotadas por Hatfield e Zöller. Essas decisões foram incorporadas por mim silenciosamente ao texto final, pois não quis sobrecarregar o leitor com infundáveis pormenores que apenas o desviariam do objetivo principal que é a leitura e compreensão do texto de Kant.

Passo, então, a listar e comentar as mudanças que o presente trabalho introduz no vocabulário tradicionalmente empregado nas traduções tanto dos *Prolegômenos* como da própria *Crítica da Razão Pura*<sup>7</sup>, para o português, um vocabulário que reproduz essencialmente as decisões terminológicas adotadas na clássica tradução francesa da *Crítica da Razão Pura* por Tremesaygues e Pacaud. Fui guiado nessas decisões exclusivamente por considerações filosóficas, vale dizer, minha tradução dos termos kantianos procurou ater-se ao significado que possuem no interior do sistema filosófico do autor e maximizar a clareza e consistência da exposição, sem enveredar pelas infundáveis questões filológicas associadas a esses termos em seu uso geral na língua alemã. Que eu tenha em boa medida preferido as soluções empregadas nas recentes traduções de Kant em língua inglesa não implica nenhuma subserviência cega à escola anglo-saxônica, mas apenas minha convicção de que essas soluções são também as mais adequadas para reproduzir o pensamento de Kant em português, e estão, na prática,

---

<sup>6</sup> Ver as referências completas das obras mencionadas ao final desta Apresentação.

<sup>7</sup> Meus comentários sobre as traduções da *Crítica* em português não incluem a recente tradução de Fernando Costa Mattos (Vozes, 2012), que ainda não tive a oportunidade de examinar.

cada vez mais difundidas entre estudiosos do autor no Brasil, particularmente os que adotam uma perspectiva de viés mais analítico ou semântico. Passo, então, a comentar essas modificações.

### 1. *Erscheinung*: aparecimento

As edições dos *Prolegômenos* (e também da *Crítica da Razão Pura*) em língua portuguesa traduzem *Erscheinung* por *fenômeno*, e empregam ambigualmente essa mesma palavra para traduzir *Phenomen*, pondo a perder uma distinção que, embora reconhecidamente obscura<sup>8</sup>, não pode ser simplesmente obliterada. Em contrapartida, o termo *Erscheinung* é hoje universalmente traduzido em língua inglesa por *appearance*, palavra que recobre exatamente o campo semântico do termo alemão e que, em português, distribui-se pelos termos *aparência*, *aparência* e *aparecimento*, dos quais apenas o último não introduz conotações indesejadas e pode funcionar de maneira neutra para simplesmente indicar *que algo aparece*, ou *o aparecer de algo*. Note-se ainda que o emprego em português do par *aparecer/aparecimento* permite reproduzir o frequente jogo de palavras que Kant faz entre o verbo *erscheinen* e o substantivo *Erscheinung*<sup>9</sup>, o que não ocorre quando *Erscheinung* é traduzido por *fenômeno*.

### 2. *Erkenntnis*: cognição

*Erkenntnis* é tradicionalmente traduzida em português por *conhecimento*, uma escolha que considero inadequada, já que traz conotações que não estão presentes no conceito tal como Kant o emprega. De fato, a noção de conhecimento envolve uma relação de *correspondência* entre uma representação e seu objeto, ou seja, conhecimento implica a *verdade* do juízo ou da representação<sup>10</sup>. Ora, essa implicação não vigora para a noção kantiana de *Erkenntnis*, que é simplesmente uma espécie de *representação* (*Vorstellung*), como Kant explica em A320/B377. Nessa passagem, Kant associa *Erkenntnis* ao termo latino *cognitio*, e a define como uma “percepção objetiva” (*eine objektive Perzeption*). *Erkenntnis*, portanto, é da mesma natureza que outras representações, como a sensação (*sensatio*) e a percepção (*perceptio*), e a sua tradução em português, analogamente, deve ser *cognição*, no sentido de um ato cognitivo dirigido a um objeto sobre o qual se faz um juízo que pode perfeitamente ser falso, e, portanto, não constituir um conhecimento. A clássica tradução da *Crítica* por Norman Kemp Smith (1929) ainda emprega *knowledge* para traduzir *Erkenntnis*, mas o uso de *cognition* está hoje generalizado na literatura secundária em língua inglesa, especialmente após a nova tradução da *Crítica da Razão Pura* por Paul Guyer e Allen W. Wood (1998).

### 3. *Grenzen*: fronteiras; *Schranken*: limites

Este par de conceitos tem um sentido técnico muito preciso na exposição kantiana, tanto na *Crítica* quanto nos *Prolegômenos*, e é essencial para a compreensão do texto que eles sejam consistentemente traduzidos. As traduções dessas obras para a língua portuguesa

<sup>8</sup> Para uma informativa discussão sobre a distinção *Erscheinung* - *Phenomen*, veja-se PALMQUIST, S. R., Six Perspectives on the Object in Kant's Theory of Knowledge. *Dialectica*, vol. 40, N° 2 (1986).

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, IV: 289.

<sup>10</sup> Desde Platão conhecimento é definido como opinião verdadeira justificada.

adotam usualmente (mais uma vez, aparentemente, como herança da tradução de Tremesaygues e Pacaud) uma solução exatamente oposta à que utilizo neste trabalho. Talvez se pudesse dizer que, se a consistência fosse mantida (o que nem sempre ocorre), a compreensibilidade não seria prejudicada, e a escolha de uma ou outra expressão seria apenas uma questão de gosto, mas creio que há boas razões em favor da opção que proponho. De fato Kant caracteriza *Grenzen* (em coisas extensas) como pressupondo sempre um espaço que se encontra fora de uma locação fixa e que a encerra; mas não requer nada desse tipo no caso de *Schranken*, que são tomados como meras negações que impedem a completude absoluta de uma grandeza<sup>11</sup>. Parece muito mais adequado, portanto, denominar os primeiros *fronteiras*, obtidas pela demarcação de uma extensão que as determina a partir de fora, e pressupondo um exterior em princípio acessível, reservando-se o termo *limites* para os segundos (em analogia com a noção matemática de limite de uma função), tomados como um ponto ou linha de que se pode aproximar indefinidamente sem que seja jamais alcançado.<sup>12</sup>

#### 4. *Wechsel: mudança; Veränderung: alteração*

Este é outro par de conceitos que têm significados técnicos muito precisos na filosofia de Kant e que são usualmente traduzidos em português de maneira oposta à que adoto nesta tradução, embora mais uma vez a consistência esteja longe de ser mantida (mais uma herança da tradução de Tremesaygues e Pacaud). Um simples exame da etimologia das palavras revela a proximidade entre *verändern* e *alterar*, ambos significando literalmente *tornar outro* (alter/ander), e recomenda de imediato a solução que adoto. Em Kant, esses conceitos dizem respeito à relação entre substância e acidente, e podem ser resumidos dizendo-se que, para Kant, em todo acontecimento (todo começo de existência) a substância se *altera* (embora permaneça), e os acidentes *mudam*. É certo que essa distinção tem muito mais importância na *Crítica da Razão Pura* que nos *Prolegômenos*, onde ocorre apenas de passagem<sup>13</sup>, mas ainda assim merece ser corretamente observada.

#### 5. *sinnliche Anschauung: intuição sensorial*

Esta escolha terminológica não tem a mesma importância das decisões anteriores, e pode ser considerada uma mera questão de gosto pessoal. Mas há certamente algum desconforto em aplicar o mesmo adjetivo “sensível” a uma faculdade ou ato de uma faculdade (como uma intuição), e ao objeto que é apreendido por essa faculdade ou por esse ato. Um objeto sensível é aquele que pode ser apreendido na sensação, mas o ato que o apreende não pode ser sensível nesse mesmo sentido. O próprio Kant recomenda uma distinção semelhante quando afirma, em uma nota<sup>14</sup>, que se deve falar em “mundo inteligível” (*intelligibel*) e não “mundo intelectual” (*intellektuell*), reservando este segundo adjetivo apenas para os atos cognitivos (como no caso de uma intuição intelectual) e não para os objetos desse ato, que seriam propriamente *inteligíveis*. Kant pôde fazer essa distinção nesse caso porque dispunha de termos de origem latina com os sufixos apropriados, mas o adjetivo alemão *sinnlich* não

---

<sup>11</sup> IV: 352.

<sup>12</sup> Veja-se sobre isto toda a importante discussão no início da Conclusão dos *Prolegômenos*, IV: 350-354.

<sup>13</sup> Ver IV: 368 (mudança) e IV: 283, 285, 336n (alteração).

permite uma correspondente flexão. Dispomos, entretanto, em português, dos adjetivos *sensível* e *sensorial* que podem cumprir convenientemente esse papel. Nesta tradução, portanto, empreguei-os para marcar a distinção entre atos cognitivos (intuição sensorial, representação sensorial, cognição sensorial) e objetos desses atos (mundo sensível).<sup>15</sup>

Passo, por fim, a justificar a adoção da edição Vorländer dos *Prolegômenos* como base para esta nova tradução, em lugar da edição preparada por Benno Erdmann e publicada no volume IV da edição da Academia de Berlim (1ª ed. 1903, 2ª ed. 1911). A edição de Erdmann representou um progresso imenso em relação ao texto notoriamente mal revisado da edição original dos *Prolegômenos* (Riga, 1783), na medida em que incorporou mais de uma centena de correções pacientemente oferecidas ao longo de um século por vários estudiosos desse texto. Mas, apesar da excelência do trabalho de Erdmann, persistia um problema que Hans Vaihinger já havia notado em 1879: na seção § 4, que trata da questão da possibilidade da metafísica, o fio da exposição se interrompe bruscamente após o primeiro parágrafo, e seguem-se cinco parágrafos dedicados a estabelecer o caráter sintético das proposições da matemática e da metafísica, um assunto que remetia a uma discussão iniciada (e aparentemente não concluída) na seção § 2. O fato de que a remoção desses cinco parágrafos problemáticos da seção § 4 e sua inserção ao final da seção § 2 restituía a unidade da primeira e completava consistentemente a discussão iniciada na segunda levou Vaihinger a formular, com base em razões puramente internas ao texto, a hipótese de que teria havido uma transposição desses parágrafos durante a impressão da edição original dos *Prolegômenos*, uma hipótese que recebeu forte confirmação em 1904, quando Sitzler, a partir da contagem das linhas afetadas, foi capaz de descrever plausivelmente como a troca de duas matrizes de 100 linhas poderia ter levado precisamente a esse erro<sup>16</sup>.

Em 1904, quando surgiu o artigo de Sitzler, a edição da Academia dos *Prolegômenos* já estava em circulação, mas é de lamentar-se que Benno Erdmann, ao preparar a 2ª edição da obra em 1911, não tenha julgado necessário mencionar sequer em uma nota a existência da hipótese de Vaihinger-Sitzler. Nesse meio tempo, entretanto, a oportunidade já havia sido aproveitada por Karl Vorländer, que havia publicado em 1906 sua própria edição dos *Prolegômenos* na qual, além de 26 novas correções ao texto, efetuou o reposicionamento dos cinco parágrafos da seção § 4 para o final da seção § 2. O resultado não pode deixar de ser plenamente convincente para quem quer que examine as duas alternativas, e a edição Vorländer do *Prolegômenos*, em suas sucessivas edições e revisões, mantém-se como a principal referência acadêmica para os estudos dos *Prolegômenos* na Alemanha, e é a preferida pela maioria dos editores e tradutores de língua inglesa desde a metade do século

---

<sup>14</sup> IV: 317n.

<sup>15</sup> Sigo aqui a proposta de Gary Hatfield em *Theoretical Philosophy after 1781* (ed. ALLISON, H. e HEATH, P.), Cambridge U. P., 2002, p. 46.

<sup>16</sup> VAIHINGER, H. "Eine Blattversetzung in Kants *Prolegomena*", *Philosophische Monatshefte* 15 (1879), p. 321–32, 513–32; SITZLER, "Zur Blattversetzung in Kants *Prolegomena*", *Kant-Studien* 9 (1904), 538–9.

XX, com os importantes exemplos de Lewis White Beck (1950) e Peter G. Lucas (1953)<sup>17</sup>, além de ter sido adotada, como já mencionado, nas modernas traduções dos *Prolegômenos* publicadas nas coleções de Oxford e Cambridge<sup>18</sup>.

Como advertência final, note-se que, embora baseada na edição Vorländer, a presente tradução indica na margem lateral, como de praxe, a paginação relativa ao texto publicado no volume IV da edição da Academia. O leitor deve, portanto, ficar atento ao fato de que a numeração das páginas sofre ligeira descontinuidade nas seções § 2 e § 4, passando de IV: 269 para IV: 272, de IV: 274 para IV: 270, e de IV: 272 para IV: 274.

José Oscar de Almeida Marques

Dezembro de 2012

#### EDIÇÕES E TRADUÇÕES CONSULTADAS

KANT, I. *Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*. Frankfurt und Leipzig, 1794 (reimpressão da 1ª edição de 1783). Nabu Classical Reprints, 2010.

KANT, I. *Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können* (Ed. Benno Erdmann). In: *Kants gesammelte Schriften*, vol. IV. Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaft, 2. Ed., Berlim, 1911.

KANT, I. *Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können* (Ed. Karl Vorländer), 6. ed., Leipzig: Felix Meiner, 1920.

KANT, I. *Prolegomena to Any Future Metaphysics* (Trad. Lewis White Beck). Liberal Arts Press, 1950.

KANT, I. *Prolegomena to Any Future Metaphysics That Will Be Able to Come Forward as Science* (Trad. Gary Hartfield) (Cambridge Texts in the History of Philosophy). Cambridge University Press, 1997, 2004.

KANT, I. *Prolegomena to any future metaphysics that will be able to come forward as science* (Trad. Gary Hartfield) In: ALLISON, H. e HEATH, P (eds.) *Theoretical Philosophy after 1781* (Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant) Cambridge University Press, 2002. (variante da tradução anterior)

---

<sup>17</sup> A tradução de Beck é uma revisão da tradução de Paul Carus (1902), a qual, por sua vez, é uma revisão da tradução de John Mahaffy (1872). A tradução de Lucas é um trabalho original.

<sup>18</sup> A tradução editada por Günter Zöllner para a série Oxford Philosophical Texts é uma revisão da tradução de Lucas. A tradução preparada por Gary Hatfield para a Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant é um trabalho original.

KANT, I. *Prolegomena to Any Future Metaphysics That Will Be Able to Present Itself as Science*. (Ed. Günter Zöllner, trad. Peter G. Lucas e Günter Zöllner) (Oxford Philosophical Texts). Oxford University Press, 2004.

KANT, I. *Prolegômenos* (Trad. Tania Maria Bernkopf). In: Kant (Vol. II) (Coleção Os Pensadores), 2. Ed., Abril S. A. Cultural, 1984.

KANT, I. *Prolegómenos a Toda a Metafísica Futura Que Queira Apresentar-se como Ciência* (Trad. Artur Morão). Lisboa: Edições 70, 2008.